

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 de MARÇO
DE 1959

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.016
ANO 53.

JOANNE WOODWARD A MULHER DAS MUITAS FACES

É incontestável: em Hollywood foi «a mulher do ano» e atribuíram-lhe o «Oscar», pela sua actuação, a melhor que uma actriz pode realizar, em «As Três Faces de Eva». Mas há mais. Um outro acontecimento concorreu para a boa sorte de Joanne Woodward: desposou Paul Newman, que há cinco anos esperava poder amar «legalmente». Deste modo, a mulher triunfa ao mesmo tempo que a actriz. Razão por que uma e outra mereceram ganhar. Eis, reveladas, algumas das inumeráveis expressões de Eva... Ao nascer, a 27 de Fevereiro de 1929, em Thomasville (Georgia), sob o tecto dum rico editor, teve, imediatamente, as garantias de saúde, de equilíbrio e de bem-estar. Mas Wade Woodward gostava principalmente de se dedicar a novos assuntos, e assim não hesitava em se deslocar dum para outro dos Estados americanos, levando a família. Em vez de deplorar a falta dum lar estável, Joanne aprendeu deste modo a saborear cada dia como uma nova aventura, a sentir-se em sua casa, onde quer que fosse, e, principalmente, encontrar-se sempre consigo própria.



Aos quinze anos, Joanne tinha tranças loiras, olhos verdes que nada deixavam escapar, uma inteligência rápida e penetrante, uma sensibilidade aguda (em vez da quase inevitável sentimentalidade das raparigas da sua idade), e o encanto dum animal que sabe receber sensações em toda a sua frescura.

Formada em Filosofia, não quis ficar na casa e experimentar a doçura de ser filha única de pais ricos. Pedeu e obteve o lugar de secretária da direcção duma firma de utensílios para máquinas. Impôs-se isto como prova suplementar, para saber se poderia ser «outra coisa além de actriz». E isto por não ignorar que os artistas, demasiadas vezes, não são mais do que inadaptados, seres que recusam a realidade. Ao obter a prova das

suas capacidades de secretária, deixou bruscamente o emprego pouco agradável e voltou para a Carolina do Norte. Não obedecia ao chamamento dos pais, mas a um pequeno anúncio de jornal que dizia que o seu antigo professor de Literatura ia montar «Um Gato sobre Um Telhado de Zinco Quente», de Tennessee Williams. Isso era o que lhe convinha!



Orgulhoso de Joanne, o pai fê-la ir a Nova York e apresentou-a a pessoas influentes no meio teatral. Joanne prestou-se a estas manobras, mas não se contentou com elas: inscreveu-se na Neighborhood Playhouse Dramatic School, onde passou vários meses, até que um dia um agente a distinguiu e obteve um contrato para a televisão. Estreou-se em 1950, numa emissão de que Robert Montgomery era o produtor; como «partenaires» Gregory Peck e William Holden.

— Não sou nem tímida nem modesta — declarou ela. — E porque é que o seria? Também não creio que seja orgulhosa. Não serei por acaso uma rapariga absolutamente simples? Não, isso não é verdade — é uma coisa de que há muito pouco — sou... uma mulher...

Foi certamente por isso que sou bater à porta de Joshua Logan, o realizador que se preparava para montar uma peça na qual ela sabia haver um papel que lhe convinha: «Piquenique». Foi contratada a título de dupla do principal papel feminino, o que Kim Novak devia ter na versão cinematográfica. Aceitou, se bem que a televisão tivesse feito dela já quase uma vedeta. Foi assim que encontrou um rapaz docemente insolente, de olhos verdes, boca gulosa. Tinha também um papel de duplo e como Joanne não tinha sido feito para se contentar com tão pouco. Paul Newman não tinha o papel do aventureiro, para o qual estava talhado, mas o do rico e fraco filho de família. Assim que a peça deixou a Broadway para seguir em «tournée» pe-

las várias províncias, Joanne e Paul representaram os papéis para os quais não tinham sido até então mais do que suplentes. E a vida de «tournée», com as refeições tomadas em conjunto, percorrendo juntos longas estradas, partilhando as horas de ócio, tudo isso ligado a uma grande camaradagem deu origem ao amor. Mas reconhecido pelos dois interessados, esse amor ficou mudo: Paul Newman era casado e pai de família.

Quem poderia imaginar que um grande amor existia entre ambos? Paul mal terminou a «tournée» partiu de Nova York: Hollywood esperava-o.

É bem sabido: o acaso dispõe bem as coisas. Nesse mesmo ano de 1954, Joanne assinou um contrato com a Twentieth Century Fox, e desembarcou em Hollywood. Estava contratada por sete anos; mas ainda não estava bem estabelecido o que faria primeiro. Deste modo concordaram em emprestá-la à Columbia, para a qual filmaria com Van Heflin. E nada mais fez até 1957, altura em que até as grandes vedetas se absteriam do delicado papel triplo, que ofereceram a Joanne nessa altura. Sem hesitar, aceitou. E assim surgiu o filme «As Três Faces de Eva».



Para Hollywood, sempre indigesto e maldizente, Joanne era «a outra mulher», na vida de Paul Newman, essa rapariga demasiado franca e decidida, e que muitos consideravam leviana por destruir um lar e de ânimo leve comprometer seriamente o futuro de três crianças. Os seus encontros tiveram primeiro um carácter accidental — e eram-no! Mas Joanne e Paul não puderam durante muito tempo evitar favorecer as más-linguas. Por fim, declarado o seu amor, não podia contudo deixar de ser refreado. Joanne pretendia um homem livre. Paul fazia o possível para lhe demonstrar que já não era comprometido, pois não amava sua mulher e por várias vezes se tinham separado. Mas para Joanne isso não

chegava: Jackie Newman recusava o divórcio a Paul. Por seu lado, Joanne estava noiva pela terceira vez...

Precipitando as coisas o escândalo poderia separá-los ou uni-los para sempre. Assim que se soube que uma estrela tinha nascido e que a interpretação de Joanne em «As Três Faces de Eva» a levaria longe, «viu-se» quanto o casal se amava e começou a surgir o alarme. Joanne queria voltar para a sombra, mas era demasiado tarde.

Um cronista célebre «revelou» que Joanne Woodward, Jackie Newman e Paul Newman, elementos dum novo triângulo amoroso, consultavam cada um o seu psiquiatra para experimentar pôr em ordem os seus problemas de coração. Era falso. O que acontecia, na verdade, era que Joanne interpretava, o seu segundo filme nesse mesmo ano, e era de novo sensacional. Viam-na por toda a parte, com um companheiro diferente de cada vez: Dennis Hopper, designado, segundo se julgava, para receber o «Oscar», como Joanne; Gore Vidal, por ser o autor dramático da moda (Paris ia ver uma peça sua: «Visite a Une Petite Planète»); o realizador Martin Ritt; e outros mais.

Durante esse tempo, Paul, que tinha deixado a mulher pela nona vez, vivia em hotéis ou em casa de amigos. Ninguém o via acompanhado de qualquer rapariga. Joanne não se mostrava em público com ele. Não tinha necessidade disso; acabava de ser contratada para filmar em sua companhia.

Interrogada, Joanne não afirmava nem negava o seu amor por Paul. Mas do casamento dizia: «Isso não chega! O Amor não pode ser garantido por um contrato, como a compra dum automóvel. Fiquei para tia, mas isso não me impediu de amar várias vezes — de amar ainda hoje... Demasiadas vezes o casamento é o fim do amor, em vez de ser o princípio. Não quero a rotina, não quero o hábito! Se for preciso escolher entre a virtude e a felicidade, saibem sem dúvida o que eu prefero... Não há lei para o amor e se existe é contra ele...».

Jackie Newman, acabou por reconhecer que o seu lar já estava desfeito antes do aparecimento de Joanne e por conceder o divórcio.

Joanne e Paul casaram a 29 de Janeiro de 1958 e sua viagem de núpcias conduziu-os à Europa. Por amizade a Martin Ritt e a Faulkner, o filme que primeiro fariam, seria realizado por um e segundo o romance do outro. Sempre em homenagem às circunstâncias que permitiram e facilitaram o seu amor, procuraram representar uma peça juntos. Já não tinham necessidade do pequeno apartamento de São Fernando nem da vivenda de Malibu Beach, para esconder o seu amor. De tudo quanto possuía em rapariga, Joanne não guardou senão um cãozinho, muito pequeno, a quem chamaram por graça «O Touro», prenda de Paul.

Teve coragem de esperar. Sou-

be aceitar a censura. No seu pudor de verdadeira mulher, conserva o seu mistério de esfinge, ou de Eva eterna. Joanne e Paul são felizes. Vivem muito simplesmente, talvez mesmo prosaicamente, numa casa recheada de coisas que adoram. São, os dois, inimigos declarados de tudo quanto é convencional. Eis porque raramente se sacrificam às suas obrigações mundanas, que aliás fazem parte do seu ofício de vedetas. Evitam abrir as portas aos jornalistas que a maior parte das vezes deformam de maneira irreconhecível até os mais insignificantes pormenores...

Não devem pois esperar-se indiscrições vindas deste lar. Os Newman, agora que estabilizaram a sua felicidade, não têm segredos que alimentem os curiosos e indiscretos. Partaram-se deles na época do seu idílio. Mas tudo passou. Paul, nessa altura, era casado mas separado de sua mulher. Apaixonou-se por Joanne; e a, por seu lado, tinha-lhe um amor sincero. Mas não podiam ser felizes. Não podiam mostrar-se em público ao lado um do outro, pois havia sempre nas vizinhanças um fotógrafo que era preciso evitar a todo o custo. E assim, durante meses, arrastaram uma vida de feras perseguidas. Actualmente, Joanne pode rir-se dessas más recordações.

Costuma dizer: «Encontraram maneira de me arranjar três noivos: primeiro Gore Vidal; a seguir, Jimmy Costigan, e por fim um outro de quem nem mesmo já me lembro o nome. O que me surpreende sempre em Hollywood, é essa ingenuidade de processos, já tão fora de moda, essa necessidade inveterada de criar romances, de mascarar com legendas a verdadeira personalidade das pessoas. Por pouco não fizeram de mim uma mulher fatal, ou melhor, uma mulher de personalidade tripla, como em «As Três Faces de Eva».

O tipo de Joanne Woodward não é comum. É o de uma jovem sensível, inteligente e apaixonadamente ligada ao seu ofício. Desde que se é absorvido por esse mundo complexo de Hollywood, é hábito conformar-se com um modo de vida cheio de artificios. É de duvidar que Joanne Woodward consinta alguma vez em tornar-se nessa mulher que os «Pigmaliões» querem fazer dela. Ela é pasmosamente franca, dum naturalidade que desarma. «Gosto muito do cinema, mas, como meu marido, não lhe dedico um amor exclusivo. Creio que não poderia viver muito tempo sem a atmosfera dos bastidores do teatro. Não obstante sou incuravelmente preguiçosa. Mas representar, criar um papel, não é na verdade trabalhar no sentido literal da palavra. É dar o melhor de si mesmo». Da sua actuação em «As Três Faces de Eva», ela diz: «Esse papel não me estava destinado ao princípio. Pretendiam um sem-número de outras artistas, nomeadamente Judy Garland e Carrol Baker. Mas elas não estavam disponíveis. Então, com eu estava sob contrato e como havia já oito meses que nada fazia — e isto explica bem

tavam — disseram para com eles: «Experimentemos esta. Não lhe pagamos para que não faça coisa alguma. Se não convier, mandá-la-emos para casa com as desculpas usuais». E Joanne ria a bom rir: como bem se vê a história dos seus primeiros passos no caminho do cinema servia para a distrair constantemente. E ela acrescenta: «Foi no comboio que li o argumento de «As Três Faces de Eva». Fiquei horrorizada: esse papel, ou melhor, esse triplo papel, não me convinha absolutamente nada. E além disso, quantas dificuldades para uma principiante que nem sequer sabia como funcionava o cinema! É bastante difícil encarnar com perfeição três personagens, mas representar e conseguir dar a cada um aspecto diferente!... Estaria perdida sem dúvida alguma se não fosse Nunnally Johnson, o produtor-realizador, que me deu a mais apreciável prenda: confiança em mim mesma».

Joanne refere-se por vezes aos seus projectos, que são tantos, para o teatro e para o cinema, e confessa o maior de todos: ter um filho.

E afirma, franca e naturalmente: «Um casamento sem um filho é uma união sem felicidade. Paul e eu desejamo-lo ansiosamente e a nossa profissão passa a segundo plano desde que se trate desse elo que deve cimentar a nossa felicidade». Na boca dum rainha do «glamour», dum dessas rainhas, esta profissão de fé tomava um carácter infinitamente agressivo. Mas com Joanne Woodward, estas palavras ganham um sentido profundo. Ela é a «Gata Borracheira» que, sem enfado, calçou o seu sapatinho de cristal, achado pelo seu príncipe encantado, tudo isto continuando com os dois pés solidamente assentes na terra firme.



JÚLIA BARROSO

consagrada artista da rádio que tantos êxitos conquistou durante a sua carreira artística

HUMORISMO



SEM PALAVRAS



— Querida... O chuveiro não deita água!...



Uma nova arte de magia e de ganhar dinheiro...

PSICOLOGIA BARATA

— Tens um tipo de espanhola bastante acentuado.
 — Achas? Meu queridinho?
 — Acho. E vou jurar que o teu pai era madrileno.
 — Não, meu amor. Meu pai era funileiro...

ESPERTALHÃO

— Olha, papá, podias dizer que me levavas ao cinema, ias com os teus amigos ver jogar o Benfica ou para o café e depois ias buscar-me à hora de acabar a sessão...
 — Fica combinado, meu filho. És genial!



SEM PALAVRAS

CONFIDÊNCIAS

— O teu marido questiona, alguma vez, contigo?
 — Ah! Não. É excessivamente bem-educado para isso. Só o que faz é virar-me as costas e bater com a porta...



UM SUCESSOR

DE

RUDOLFO VALENTINO?

Um rapaz alto, espadado, ocupa hoje o «trono». E esta a designação dada ao «rei» da bilheteira, em Hollywood. Como chegou até ali? Os muitos milhões de mulheres que se prostam, simbolicamente, a seus pés jurariam que essa adoração e os bilhetes de cinema que adquiriram durante vários anos fizeram Rock Hudson. Um agente artístico de feições imberbes de nome Henry Wilson seria o último a discutir com as admiradoras da quem chamam já o segundo Valentino. De qualquer forma, elas são as grandes responsáveis dos altos salários auferidos por Hudson e dos quais, naturalmente, Wilson recebe a sua parte... Mas foi, precisamente, o esperto agente quem previu as vantagens que Rock poderia desfrutar e a lenda do novo astro tem frutificado.

Rock Hudson é o exemplo clássico do artista de cinema «feito» pela publicidade. Se, na realidade, o arguto agente foi o seu «criador», as mulheres, fascinadas, limitam-se a certificar da impecabilidade da criação, tão ao gosto do elemento feminino, e fazem de Rock Hudson o mais popular artista americano dos últimos anos.

Wilson relembra frequentemente o dia em que encontrou Hudson. Estavam em 1947 e o futuro astro usava ainda o seu verdadeiro nome: Roy Fitzgerald. Tinha vinte e um anos, um corte de cabelo desleigante e andava meio curvado. Tinha também a voz arrastada e terrivelmente nasal dos americanos do Oeste, embora tentasse, a todo o custo, encobrir essa pronúncia. A timidez era nele um factor evidente. Wilson, no entanto, soube ver para além desses defeitos e apreciar as possibilidades de agrado do candidato a actor. Não se enganou. As mulheres foram atraídas de tal modo pelos «encantos físicos» de Hudson que, em 1957, este era considerado o artista mais popular do cinema americano. Recebe em média sete mil cartas por mês e o seu nome numa película garante, imediatamente, um êxito de bilheteira.

Rock Hudson tem sabido retribuir exemplarmente o trabalho de Wilson, excedendo as mais optimistas perspectivas. Recebeu o prémio da Academia pelo seu desempenho em «Gigante», onde trabalhou ao lado do desventurado James Dean e o produtor David Selznick pagou-lhe 17 mil dólares (cerca de trezentos e oitenta contos) por semana (!) pelo seu trabalho em «Adeus às Armas». Wilson prevê que Rock ganhará

ROCK HUDSON
É O NOVO ÍDOLO DAS MULHERES!...

nestas épocas que vão seguir-se entre quatro ou cinco milhões de dólares!

O mundo estreito de Hollywood fica impressionado por estas cifras mas as opiniões dividem-se sobre os que representam — entre o valor real de Hudson ou uma evidência de como o cinema pode induzir o povo a relegar a televisão para segundo plano.

Os veteranos de Hollywood, talvez mais cinicos e certamente despetitados, atribuem poderes mágicos a Wilson, que teria sido o escritor do «argumento», o «realizador» e o «produtor» do «filme» da vida particular de Hudson, bem como do da sua carreira. Assim, Rock Hudson aparece como uma autêntica «invenção» do seu agente. E o seu nome, a sua voz e a sua própria personalidade parecem ter sido preparados de antemão.

Outros, menos severos, acreditam que a matéria-prima tem de existir. Ainda que lhe falte inspiração, tem desempenhado os seus papéis a contento dos realizadores. E, neste aspecto, o melhor predizado de Hudson teria sido a delicadeza.

Hudson tem acatado sempre com o maior respeito as determinações dos realizadores, fugindo dos arrebatamentos temperamentais de um James Dean, por exemplo. Conduz-se, normalmente, como um homem preocupado em conservar-se longe dos aborrecimentos. Protegido por um agente de publicidade, extraordinariamente bem relacionado com a Imprensa da especialidade, em regra, durante as entrevistas, quase implora aos jornalistas lhe digam o que deve fazer. Toda esta atmosfera de docilidade e tranquila inquietação foi habilmente preparada pelo agente, que tenta assim criar uma atmosfera simpática a Rock Hudson.

Ainda durante as entrevistas, Rock tem o cuidado de fitar frequentemente o agente, tentando ler no seu rosto a resposta adequada. Não é raro, também, Wilson cortar as interrogações do jornalista ou responder por Hudson, quando o supõe embaraçado. O agente determinou que o popular astro nunca respondesse a quaisquer perguntas sobre religião ou política.

Pessoalmente, Rock Hudson parece uma pessoa distante, inacessível. O rosto, sempre escrupulosamente barbeado, é despido de animação, mesmo quando ri. Desajeitado de movimentos, cambaleia sempre que tenta correr e ate as vezes quando anda devagar. Apenas as unhas roídas desmentem a sua aparente serenidade. Isso faz-nos crer que existe um outro Hudson bem diferente do que aparece nas telas.

Só quando fala sobre cinema é que esse homem de quase dois metros de altura parece acordar da sua letargia. Como um ser obediente e treinado para um único fim, afirma frequentemente que vive apenas para a arte das imagens.

Foram os motoristas de camiões, seus companheiros de trabalho, quem lhe meteram na cabeça a ideia de tentar o cinema. Rock tinha tido uma infância acidentada. O pai morreu quando tinha oito anos. A mãe em breve casava pela segunda vez e Rock foi forçado a abandonar os brinquedos para começar a trabalhar, entregando pequenas mercadorias, limpando galinhas numa herdade, transportando toldos, fazendo recados. E tudo isto com indiferença. O que ganhava era necessário ao orçamento familiar. Alguns anos depois a mãe divorciava-se mas Rock não teve qualquer modificação na sua vida. Entrou para uma escola industrial e tirou um curso de mecânico. Depois alistou-se na marinha e ali se manteve durante vinte e seis meses, sem criar amizades. Em 1946, trabalhou numa empresa de transporte de pianos e depois como carteiro. A mãe mudou-se para a Califórnia e Rock tentou outras ocupações: vendedor de aparelhos eléctricos e motorista do camião de uma companhia de massas alimentícias.

Quando os colegas lhe afirmaram que o futuro dele estava no cinema, Rock levou-os a sério. Não hesitou então em confessar que o cinema fora sempre sua verdadeira obsessão. Mas a experiência não era nenhuma. Sem se intimidar, comprou um fato cinzento, o primeiro de bom corte que possuía em toda a sua vida, logo que sou-

(Continua na pág. 6)

Brigitte Bardot

FOI DE FACTO DESTRONADA?

UMA rapariguinha com as tranças atadas na cabeça apresentou-se na bilheteira de Disneyland, a cidade dos brinquedos de Walt Disney em Hollywood, e pediu um bilhete para menores. O caixa ergueu os olhos por um instante e observou aquela carinha de menina: embora não lhe escapasse que, de figura, a desconhecida era bastante precoce, estendeu-lhe o bilhete com a redução para rapazes até aos 14 anos e recebeu os 20 cêntimos. A rapariga das tranças dirigiu-se para a entrada de Disneyland, longe da vista do caixa, e dirigiu a palavra a um senhor ancião que entrara imediatamente a seguir a ela: «Ganhei a aposta: viu como me tomou por uma menina?», o ancião aceitou a derrota: «Está bem: pagarei uma ceia para todos os actores».

A falsa rapariguinha que apostara em como adquiriria o bilhete com redução era a actriz francesa Christine Carrère especializada nos papéis de «rapariga ingénua bastante esperta», e o ancião que perdera a aposta era o realizador Jean Negulesco que naqueles dias dirigia «Um Certo Sorriso», extraído do romance homónimo de François Sagan. Era esse o primeiro filme americano de Christine Carrère, que interpretava nele a personagem de Dominique, uma estudante irrequieta que troca o noivo por uma aventura com um «Don Juan» de 40 anos: e esse filme devia valer-lhe um contrato de sete anos, com a 20th Century Fox.

A RAPARIGA INGENÚA

Christine Carrère nasceu em Paris, há 27 anos, de pais nobres; de facto, o seu verdadeiro nome é Christine Pellerat De La Borde e seu pai, o conde De La Borde, é possuidor de um brasão antigo de séculos. Depois de haver seguido os estudos na capital francesa, a rapariga, atraída pela miragem do cinema não quis saer entrada para a Universidade: às escondidas, turtando-se a vigilância dos pais, começou a frequentar uma escola de recitação; até que fez um pequeno ensaio e obteve os seus primeiros papéis à sombra das mais esplendentes estrelas do firmamento francês.

Decorridos alguns anos, Christine assomou ao limiar dos 25 anos com uma vintena de películas no activo, rodadas em França e na Itália, sem que, porém, lhe confiassem outras personagens, a não ser o da ingénua colegial, ou o da rapariga maliciosa que os coetâneos e os homens maduros a princípio não tomam a sério e que, por fim, encontra sempre alguém que se enamora dela perdidamente.

Com esta etiqueta, foi contratada na Primavera de 1957 pela 20th Century Fox para interpretar o papel de Dominique em «Um Certo Sorriso». Christine atravessou o oceano e fixou-se em Hollywood. Após a habitual conferência de Imprensa realizada pela

grande casa cinematográfica a francesinha desapareceu da circulação, recusando todas as entrevistas e os convites para a ceia dos actores de Hollywood e fechando-se na sua casa, durante três meses para estudar a língua inglesa. Estava noiva do actor francês Philippe Nicand e não queria que a sua volta se fizesse publicidade que facilitasse a sua carreira.

LICENÇA MATRIMONIAL

Poucos dias antes de serem iniciadas as filmagens de «Um Certo Sorriso», ocorreu o episódio da aposta com Jean Negulesco. A Christine bastava-lhe puxar os cabelos sobre a nuca ou fazer duas tranças para parecer uma colegial, como de resto podia arranjar o penteado de maneira que fosse tomada por uma mulher madura. Não sem razão, Negulesco comentou: «Christine pode transformar-se, indiferentemente, numa rapariguinha ou numa mulher: é precisamente isso que a torna tão desconcertante e interessante; e é também por isso que a julgo perfeitamente apropriada para o papel de Dominique».

Quando terminou a sua preparação para o filme, Christine pediu, e conseguiu, uma licença antes de se apresentar diante da câmara de filmar, para o início do trabalho. No fim do mês de Setembro de 1947, voou até Paris, discutiu o seu futuro com o noivo e, compreendendo que as carreiras de ambos não lhes deixavam muito tempo livre, decidiu apressar o casamento. Assim em 4 de Novembro, após terem tratado rapidamente de todas as formalidades, Christine Carrère e Philippe Nicand foram unidos pelo matrimónio pelo presidente do Município de Autenil. A sua lua-de-mel foi muito curta: passaram juntos uma semana apenas, durante a qual Philippe tinha de aparecer, de noite num teatro parisiense.

Em seguida, Christine regressou a Hollywood viveu alguns meses entre os Estados Unidos e a França, para poder terminar as filmagens de «Um Certo Sorriso» e, por

fim, conheceu o seu primeiro êxito internacional. Os críticos americanos admitiram que Christine não era um simples meteoro no firmamento de Hollywood, e as espectadoras não hesitaram em resolver a seu favor a comparação com outra francesinha, Brigitte Bardot: a Dominique de «Um Certo Sorriso» pareceu ao público feminino mais ingénua do que perversa, mais irresponsável do que agressiva; e possuía a vantagem de não suscitar nenhum ciúme inconsciente. Não podia repetir-se para ela o que acontecera com «Et Dieu Crea la Femme», que havia suscitado polémicas, mas que, sobretudo, desviara da B. B. as simpatias das mulheres americanas.

«FALO COM OS OLHOS»

Christine Carrère intuiu as vantagens que podiam porvir-lhe de uma nitida diferenciação do «tipo B. B.» e, recentemente, após ter terminado o seu segundo filme hollywoodesco (terça-feira gorda, ao lado do popular cantor Pat Boone), tornou a avivar a polémica com Brigitte, declarando: «Nos meus dois filmes americanos, eu estou sempre vestida, porque, ao contrário da Bardot, eu falo com os olhos e com o coração, e o público compreende-me na mesma. As espectadoras, ao verem-me, sentem que eu preciso de ser protegida; pelo contrário ao verem Brigitte Bardot, sentem que são os seus maridos que necessitam de protecção. E, então, indignam-se com razão...». Depois, a filha do conde de La Borde lançou outra flecha: «Admito que, para ser uma Bardot, é preciso ter sangue vermelho nas veias: o sangue azul não é essencial. Mas há coisas que uma aristocrática francesa nunca fara». Enfim, alardeou «um certo sorriso» e concluiu: «Eu, por exemplo, poderia perder a cabeça diante do público, mas nunca a saía».

Nestes dias, Christine pôde, finalmente, juntar-se a seu marido, em Paris, (contam-se pelos dedos os dias que ela pôde passar com Philippe num ano de casamento) e com ele partirá, ainda este mês, para Hollywood, onde os aguarda um apartamento de dois quartos, casa de banho e cozinha. É um apartamento bastante pequeno para uma actriz de fama, mas o jardim está embelezado com uma linda piscina.

Em Hollywood, Philippe Nicand sujeitar-se-á a uma prova para a Fox e, se tudo correr segundo os desejos do jovem casal, poderá actuar num filme ao lado de sua mulher, num filme que, para cúmulo da sorte, deverá ser rodado em Paris. Quanto a Christine, Jean Negulesco já tem em pro-

BRIGITTE BARDOT

(Continuado da pág. 5)

jecto para ela um filme e um retrato: o filme será uma transposição moderna de «Bohème» e quanto ao retrato, trata-se de uma vicissitude privada entre a actriz e o realizador, que é também um excelente desenhador. Um dia, quanto visitava a casa de Negulesco, Christine esteve a observar a colecção dos esboços que o realizador fez a todas as actrizes que dirigiu, incluindo Sofia Loren. A jovem condessa ficou amuada e só serenou quando o realizador lhe prometeu solenemente: «Farei também o teu retrato, para eternizar o teu olhar límpido e inocente».

ESTE NÚMERO FOI
VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

ROCK HUDSON

(Continuado da pág. 4)

be que um estúdio estava admitindo figurantes. Depois procurou um bom agente e logo surgiu Henry Wilson, que lançara Joan Fontaine e Lana Turner, entre muitos outros. Antes de se separarem nesse dia o contrato entre ambos estava firmado. Rock faria unicamente o que Wilson determinasse. Passou a receber lições de equitação, esgrima, sapateado e arte dramática. Arranjou um guarda-roupa impressionante e outro nome.

Os meses sucederam-se. O agente quase «transportava» Rock de estúdio para estúdio. A timidez de Hudson fazia ruir todas as possibilidades. Wilson e o velho realizador Raoul Walsh, que contratou pessoalmente Hudson, investiram nove mil dólares (mais de duzentos e cinquenta contos) nas suas despesas pessoais, vestuário e lições diárias de arte dramática. O teste do candidato a actor e hoje usado para demonstrar a maneira como «não» se deve representar...

O seu primeiro papel, em «Sublime Obsessão», porém, fez com que os seus «padrinhos» reembolsassem os nove mil dólares, quando ambos já quase desesperavam... Hoje em dia Rock representa alguns milhões de lucro por filme e é, actualmente, uma das mais figuras mais comentadas em Hollywood e o seu futuro não tem limites previsíveis. Com o envelhecimento de alguns artistas de grande popularidade, nomeada-



ARTHUR MILLER marido de Marilyn Monroe



... Não te zangues. Mostra-lhes um sorriso e verás depois que te dás bem com eles...

mente Clark Gable e Gary Cooper. Hudson tem andado de um lado para o outro e foi sucessivamente contratado para dezasseis filmes pela Universal, para oito com a Fox e já formou a sua própria companhia produtora, naturalmente de sociedade com Henry Wilson...

A influência de Wilson continua a manifestar-se da mesma maneira de quando o actor não era mais que uma ideia teimosa na cabeça do esperto agente. Um facto subsiste: a publicidade pode fazer milagres e o «milagre» de Henry Wilson chama-se, precisamente, Rock Hudson.



Ganhe Mais Dinheiro! Aprenda

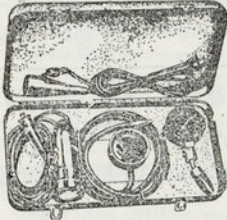
MECÂNICA AUTOMOTRIZ INDUSTRIAL E DIESEL

RECONHECIDA PELA INDÚSTRIA RECOMENDADA POR ALUNOS E GRADUADOS



V. S. será preparado por meio do Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO, exclusivo de National Schools de Los Angeles, California. Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 30 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria!

ESTE VALIOSO CONJUNTO PROFISSIONAL SERÁ SEU, SEM CUSTO ADICIONAL!



JOGO DE INSTRUMENTOS ANALISADORES DE MOTOR

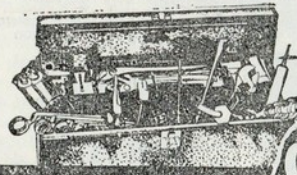
Um Vacuômetro, um interruptor de Motor de Arranque, Uma Lâmpada de Sincronização, Um Manômetro Analisador com estajo de Metal.

JOGO DE CHAVE DE CAIXA COM O SEU ESTOJO

Ferramenta Profissional que utilizará em seus trabalhos de mecânica.



JOGO COMPLETO DE FERRAMENTA PROFISSIONAL COM CAIXA GRANDE DE METAL



Prepare-se para um ÓTIMO EMPREGO, SEGURO e com rápidas PROMOÇÕES... ou estabeleça seu PRÓPRIO NEGOCIO PRODUTIVO! A Indústria Automotriz necessita URGENTEMENTE de Mecânicos competentes. Há colocações bem pagas em Montagem, Vendas, Serviço, Reconstrução e Consertos. Ingresso nesta Indústria vigorosa HOJE MESMO! Não seja um "mecânico às cegas". Conheça toda classe de motores, inclusive DIESEL. Estes são os mecânicos que GANHAM BEM... E V. S. PODE SER UM DELES! PEÇA-NOS INFORMAÇÕES!

Aprenda Todas As Partes Desta Importante Indústria

Seu curso é moderno e completo. V. S. aprenderá todas as fases desta importante indústria.

- Ajustagem de Motores
- Transmissões Automáticas
- Sistemas Modernos de Injeção
- Mecanismos de Ação Automática
- Reparos e Conservação
- Reconstrução e Modificação
- Sistemas Elétricos
- Motores Industriais e Marítimos

V. S. Recebe um Ensino

Completo em seu Próprio Lar Levamos National Schools a seu Lar! V. S. aprende por meio do Sistema Rosenkranz nas horas livres, sem necessidade de abandonar seu emprego.

V. S. receberá tudo que é necessário para triunfar nesta moderna indústria, cheia de oportunidades. Dar-lhe-emos: Lições, Manuais, Tarefas Práticas, todo o valioso conjunto Profissional ilustrado e esmerado, e muitos outros materiais e serviços.

Além disso, ensinar-lhe-emos Como Ganhar Dinheiro Enquanto Aprende. Muitos de nossos alunos pagam seu curso desta forma... e V. S. também poderá fazê-lo! Não espere... Peça Informações!

Grátis! Estes dois Livros Atue Hoje Mesmo!

NATIONAL SCHOOLS
ENSINO TÉCNICO-PRÁTICO DESDE 1905
LOS ANGELES 37, CALIF., U. S. A.

NATIONAL SCHOOLS
ENSINO TÉCNICO-PRÁTICO DESDE 1905
LOS ANGELES 37, CALIF., U. S. A.

Dr. L. J. ROSENKRANZ, Presidente
NATIONAL SCHOOLS Depto. PBM
4000 So. Figueroa St.
Los Angeles 37, Calif. U.S.A.

Envie-me seus livros GRÁTIS "Seu Futuro em Mecânica Automotriz Industrial e Diesel" e "Lição-Amostra."

Nome _____ Idade _____
Endereço _____
Cidade _____
Prov. ou Est. _____ País _____

INVESTIGUE HOJE!

Aproveite esta oportunidade para obter informações GRÁTIS — sem qualquer compromisso de sua parte — sobre nosso ensino. Este passo pode significar para V. S. a diferença entre um futuro comum e um futuro promissor, cheio de êxito! Não lhe custa nada INVESTIGAR... pelo contrário, pode beneficiar-se muito! Mande pedir o Catálogo, a Lição-Amostra e todas as demais informações interessantes de nosso Curso Completo de Mecânica Automotriz e Diesel.

NATIONAL SCHOOLS em Los Angeles, California, Oferece Cursos Oraís EM INGLÊS. Se lhe interessa — PEÇA-NOS INFORMAÇÕES!

A OPORTUNIDADE BATE À SUA PORTA MANDE ESTE CUPAO HOJE MESMO!



GANHE MAIS DINHEIRO!

EU O CONSEGUI!
V. S. TAMBÉM PODE FAZÊ-LO!
MANDE O CUPÃO e RECEBERÁ INFORMACOES

TRIUNFO TÍPICO ALCANÇADO POR UM GRADUADO DE RÁDIO, TELEVISÃO E ELECTRÓNICA DA NATIONAL SCHOOLS DE LOS ANGELES, CALIF.

EU TINHA UM EMPREGO SEM FUTURO, QUE PROPORCIONAVA UM SALÁRIO REDUZIDO.



MEU AMIGO JOÃO ME FALOU DO CURSO DE RÁDIO E TELEVISÃO DE NATIONAL SCHOOLS...

PELI INFORMACOES E AO VER UM CURSO TÃO COMPLETO, ME MATRICULEI! APRENDI COM TAL FACILIDADE QUE EM POUCO TEMPO ESTAVA GRADUADO!



O SISTEMA ROSENKRANZ É O MÉTODO MAIS EFICIENTE QUE TENHO VISTO. AS LIÇÕES E OS MANUAIS ME DERAM OS CONHECIMENTOS TÉCNICOS E HABILIDADES EXPERIÊNCIAS ME DERAM PRÁTICA. APRENDEI FAZENDO!



FÁCILMENTE CONSEGUI UM BOM EMPREGO, PORQUE OS TÉCNICOS SEM PREPARAÇÃO SÃO MUITO PROCURADOS.



HOJE RECEBO AUMENTOS E PROMOÇÕES COM FREQUÊNCIA... GRACIAS AO PREPARO TÃO COMPLETO QUE A NATIONAL SCHOOLS ME PROPORCIONOU.

SEGURANÇA, BONS EMPREGOS, UM BOM FUTURO! TUDO ISTO LHE OFERECE A TÉCNICA DE RÁDIO, TELEVISÃO e ELECTRÓNICA

Acima ilustramos um exemplo do êxito que obtêm nossos alunos. A técnica de Rádio, Televisão e Electrónica — com suas oportunidades ilimitadas — **ESTA A SEU ALCANCE!** Tudo que V. S. precisa é um preparo adequado... e National Schools lhe oferece o curso mais EFICIENTE, ECONÓMICO e COMPLETO.

Porque é melhor o curso de National Schools? — Porque nosso ensino está comprovado — Porque V. S. recebe todo material, prático e teórico, que necessita para aprender rapidamente e bem — Porque V. S. é preparado por instrutores competentes, que diariamente ensinam em nossas classes e laboratórios em Los Angeles — Porque National Schools é uma Escola que tem mais de MEIO SÉCULO de experiência no campo educacional... uma Escola que SABE O QUE V. S. NECESSITA PARA TRIUNFAR... uma Escola de prestígio que tem uma ótima reputação para manter!

Nosso curso COMPLETO cobre todos os ramos da indústria: Rádio, Televisão, Electrónica, Frequência Modulada, Transmissão de Rádio e TV, Sistemas de Amplificação, Registro de Som, Sistemas de Alta Fidelidade, PEÇA INFORMACOES!

O SISTEMA ROSENKRANZ É UM MÉTODO COMPROVADO

V. S. APRENDE EM SEU LAR NAS HORAS LIVRES. Proporcionamos Lições claras e profusamente ilustradas, Manuais de Oficina, Lições de Experiências, os Instrumentos que mostramos à direita, muitos outros materiais e todos os serviços especializados desta Instituição que V. S. necessita para aprender RAPIDAMENTE E BEM.

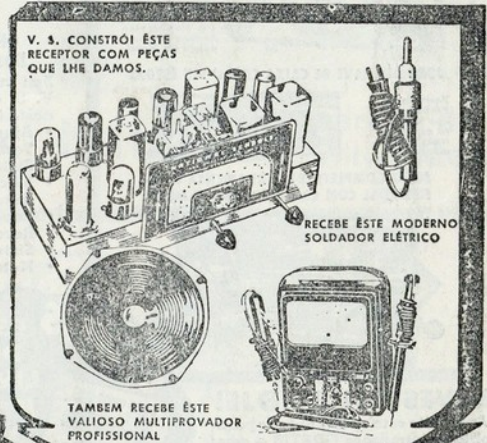
GANHE DINHEIRO ENQUANTO APRENDE Ensina-mos-lhe como ganhar dinheiro durante seus estudos. Muitos de nossos alunos cobrem suas mensalidades desta forma... V. S. também pode fazê-lo!



MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO!



NATIONAL SCHOOLS
4000 S. Figueroa St., Los Angeles, Calif., U.S.A.
National Schools em Los Angeles oferece Cursos orais em INGLÊS.
Se V. S. se interessar,
PEÇA-NOS INFORMACOES



NATIONAL SCHOOLS

Ensino técnico-prático desde 1905
Los Angeles, California, U.S.A.

Dr. L. J. Rosenkranz, Presidente
NATIONAL SCHOOLS Depto. PE.
4000 So. Figueroa St.
Los Angeles, California, U.S.A.

Mande-me seus dois livros GRATIS "Seu Futuro em Rádio, Televisão e Eletrônica" e "Lição-Amostra."

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Est. _____ País _____